

CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS DO ESTADO DO AMAZONAS À ÉPOCA DO SURGIMENTO DO ESPIRITISMO EM SUAS TERRAS

Santa Maria Melo e Orlens Melo¹

1. Introdução

Para todo grande empreendimento faz-se necessário o preparo de condições indispensáveis para a sua implantação. Jesus, o Governador do planeta, teve o concurso de muitos corações - uns reconhecidos pela história, outros anônimos - que se doaram ao máximo promovendo a humanidade tanto do aspecto científico quanto do aspecto moral, para que estivessem um pouco mais preparados para compreender o Reino de amor que Ele viria testemunhar. Seguindo essa ordem natural, o surgimento da Terceira Revelação nas terras amazônicas também passou por uma fase inicial de preparo. Nesse contexto, este trabalho objetiva descrever os fatos históricos relevantes do período de 1848 a 1904, período que antecede a criação do movimento espírita organizado, destacando a evolução de Manaus sob o ponto de vista da economia, urbanização, costumes e atividade intelectual, tendo como pano de fundo as notícias do surgimento do Espiritismo fora do contexto amazônico.

2. Desenvolvimento

Em 24 de outubro de 1848 através da lei nº 145, a Vila de Manáos² foi elevada à categoria de cidade com a denominação de Cidade da Barra do Rio Negro [1]. Nesta época, os dados demográficos registravam 8500 habitantes, sendo 8120 livres e 380 escravos [2].

Nesta mesma época, Alfred Russel Wallace [3] em sua estada na cidade da Barra do Rio Negro, no período de 1849 a 1850, faz um relato importante de suas observações sobre as atividades comerciais e os costumes dos habitantes da cidade: *“(...) Os mais civilizados moradores de Barra dedicam-se ao comércio, podendo-se dizer que não conhecem outras diversões a não ser beber e jogar, se bem que o façam em pequena escala. A maior parte deles jamais abriu um livro e desconhece toda e qualquer tipo de ocupação intelectual. Como era de se esperar nessas circunstâncias, a moda é uma de suas maiores preocupações. Aos domingos, na missa, trajam-se todos em grande estilo. As mulheres comparecem elegantíssimas, no multicolorido desfile de musselinas e gazes francesas. Suas belas cabeleiras cuidadosamente arrumadas e adornadas de flores, jamais se escondem sobre tocas ou chapéus. A seu lado, os cavalheiros, que durante a semana ficam nos seus imundos armazéns em mangas de camisa e chinelos, agora trajam finíssimos ternos pretos de feltro, gravatas de cetim e botinas de verniz de cano bem curto. Depois da missa, é hora das visitas de cerimônia quando todo mundo vai a casa de todo mundo, e lá ficam comentando os escândalos que se acumularam durante a semana. Barra deve ser a comunidade civilizada que tem os costumes mais decadentes possíveis. O que se escuta ali a respeito das mais*

¹ Os autores são trabalhadores da Fundação Allan Kardec, Manaus, Amazonas.

² A palavra Manaus tem sido grafada de diversas formas: Manou, Manau, Manao, Manaó, Manaha, Manave, Macnal, Manouh, Manouê, Manãos. Embora desde o dia 19 de março de 1937 os atos oficiais estivessem trazendo a grafia Manaus, como se vê do Decreto nº 117, publicado no Diário Oficial do Estado de nº 12.589, somente a 14 de julho de 1939 em sua edição de nº 13.192 o órgão oficial do Estado faria a correção do termo em seu cabeçalho, passando a grafar, definitivamente Manaus. Por isso, a fim de manter concordância com a grafia do período em que o artigo se situa, adotou-se a forma Manãos.

respeitáveis famílias locais, é sempre dito como se se tratasse de coisa normal e corriqueira (...)”.

No período de 1850 a 1880, as estruturas encontradas na paisagem da cidade eram: um porto precário, trapiches de madeira, pontes de madeira no centro da cidade, prédios públicos em ruínas ou construído fora da “modernidade”, ruas estreitas e desniveladas, iluminação a gás, calçamentos irregulares e de madeira, sem rede de esgoto, sem saneamento básico e serviço de navegação deficiente. Nesta época havia cinco bairros: Campinas, São Vicente, Remédios, Espírito Santo e República. Estes eram ocupados por índios, mamelucos, portugueses, negros em número reduzido e imigrantes nacionais e estrangeiros, sem distinção de classe, cor ou profissão [4].

Por toda década de cinqüenta, a seringa aparecia modestamente nas estatísticas de exportação da Província do Amazonas. Todavia, já no início da década de 60, a borracha alcançava o primeiro lugar nas exportações, o que continuou por todo o período provincial, somente decaindo por volta de 1915, quando o Amazonas fazia 26 anos de estado-membro da República Brasileira. No período de 1853 a 1863, o Amazonas exportava, além da borracha, outros produtos, tais como: pirarucu, óleo de copaíba, castanha e peixe-boi [5].

A primeira publicação impressa no Amazonas foi o “Cinco de setembro” cujo primeiro número circulou no dia 03 de maio de 1851. Sua circulação era semanal, no formato de (18x28) cm, diagramado em duas colunas, com linhas de dezoito quadratins³. Seu diretor e proprietário, Manuel da Silva Ramos, era um profissional com décadas de experiência na lide da imprensa em Belém, nas áreas de revisão e oficinas [6]. Em 1854, seu título muda para Estrella do Amazonas. Em seus classificados eram comuns os anúncios oferecendo gratificação a quem fornecesse informações sobre o paradeiro de escravos fugitivos [7]. O Estrella do Amazonas circulou pela última vez em 30 de junho de 1866. Uma semana após, Cunha Mendes publicou o primeiro número de seu sucessor: o jornal O Amazonas [8].

No ano de 1853, a Europa inteira tinha as atenções gerais convergidas para o fenômeno das chamadas “mesas girantes e dançantes” [9]. No Brasil, a imprensa noticia esses acontecimentos. O Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, publica pela primeira vez uma matéria enviada pelo Dr. José da Gama e Castro, seu correspondente em Berlim, comentando os fenômenos das mesas girantes. Logo após, em 30 junho, o mesmo jornal descreve, sob o título de “A Rotação Elétrica”, os fenômenos que empolgavam Paris depois de terem feito o mesmo nos EUA, México, Londres, Viena e Berlim. Em dois de julho, O Diário de Pernambuco editado no Recife, noticia esses fenômenos. Em quinze de julho, o jornal “O Cearense” publica, em Fortaleza, a primeira notícia dos fatos empolgantes, transcrevendo, posteriormente, trechos de jornais europeus como o “Correio de Lião”, da França [10]. Inicia-se, então, o primeiro período do Espiritismo, o da curiosidade, onde as manifestações ou fenômenos espirituais são veículo para despertar para existência de seres inteligentes da Criação que povoam o universo além da couraça física.

Paralelamente, neste mesmo ano, houve a introdução do navio a vapor na navegação regional, em consequência de dois fatores: a necessidade de escoamento da produção, frente à crescente demanda mundial de consumo da borracha, e do monopólio da navegação do rio Amazonas dada ao grupo

³ O quadratim corresponde à largura do maior tipo de uma fonte, o “M” maiúsculo.

empresarial privado liderado por Irineu Evangelista, o Barão de Mauá, a fim de proteger a exploração indevida dos recursos naturais por parte das potências imperialistas da época (Estados Unidos, França e Inglaterra). Dentre os navios utilizados, havia um de nome Marajó que realizava o percurso Belém – Barra do Rio Negro – Belém em 22 dias, o que significava que sua velocidade era cerca de sete vezes maior que as embarcações tradicionais (a vela ou a remo) [11].

Em maio de 1855, o professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, foi convidado para assistir a uma reunião na casa da Sra. Plainemaison, presenciando, pela primeira vez, o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam. Observou também as respostas inteligentes dadas por essas mesas por meio de pancadas. Analisou esses fenômenos com diferentes médiuns. Concluindo, posteriormente, que por traz dessas manifestações fúteis havia algo de muito sério, uma revelação, tomando para si a incumbência de analisar a fundo [12]. Neste momento, iniciava o trabalho investigativo que posteriormente culminaria no código da Doutrina Espírita.

Em 1856, através Lei nº 68 de 4 de setembro, pelo projeto do deputado provincial João Ignácio Rodrigues do Carmo, a Cidade da Barra do Rio Negro passou a ser denominada Cidade de Manáos, sede e capital da Província do Amazonas [1]. Nesta mesma época, o presidente da província do Amazonas, João Pedro Dias Vieira, resolveu criar, através da Lei nº 60, de 21 de agosto desse ano, o estabelecimento Educandos Artífices, um modelo avançado de educação profissionalizante que estava sendo aberto em todo o Brasil, cujo objetivo era a de desviar os jovens dos caminhos dos vícios e oferecer à Província, trabalhadores e artífices. Posteriormente, em torno dessa escola foi criado o bairro do Educandos.

Em 18 de abril de 1857, iniciava-se o segundo período do Espiritismo, o filosófico. Allan Kardec lança a primeira edição de O Livro dos Espíritos. No momento de publicá-lo, o autor questionou-se como assinaria a obra, se com seu nome, Hippolyte Léon Denizard Rivail, ou com um pseudônimo, pois seu nome estava associado aos trabalhos científicos realizados até então. Temia que houvesse confusão e, conseqüente, prejuízo à obra. Decidiu, então, assinar com o pseudônimo de Allan Kardec, nome que, segundo os espíritos, ele tivera ao tempo dos druidas [13].

Em 1858, Allan Kardec edita a Revista Espírita [14] e funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Em 1861, a Inquisição espanhola queima, em Barcelona, 300 livros espíritas, a despeito dos protestos de Kardec. Posteriormente, o Bispo de Barcelona, responsável pelo ato, em reunião mediúnica transmite a seguinte mensagem: *“Está escrito: tu queimaste as idéias e as idéias te queimarão. Rogai por mim, rogai por que é agradável a Deus a oração do perseguido pelo perseguidor. Fala o que foi Bispo e hoje não é mais que penitente”* [15]. Neste mesmo ano acontece a publicação do Livro dos Médiuns. Posteriormente, em 1864, acontece a publicação do Evangelho Segundo o Espiritismo. E, em 1865, acontece o lançamento de O Céu e o Inferno.

Paralelamente na capital da Província, ocorre a abertura do Rio Amazonas ao comércio internacional. O decreto lei de 7 de setembro de 1866, que começou a vigorar no dia 7 de setembro de 1867, abriu aos navios mercantes de todas as nações, a navegação do rio Amazonas até a fronteira do Brasil, do rio Tocantins até Cametá, do Tapajós até Santarém, do Madeira até Borba e do rio Negro até Manáos [16].

No período de 1860 a 1910, ocorre a fase chamada de período áureo da borracha. Em consequência do apogeu econômico, a cidade muda seu aspecto físico. Cria-se um serviço de transporte coletivo de bondes elétricos, telefonia, eletricidade e água encanada, além de um porto flutuante, que passa a receber navios dos variados calados e de diversas bandeiras. Entre 1872 e 1883, ancoraram no porto de Manáos 1052 navios, sendo 930 nacionais e 122 estrangeiros [17]. Em 1900, havia em torno de 20 mil habitantes. As ruas eram retas e longas, calçadas com granito e pedra de liós importadas de Portugal, praças e jardins bem cuidados, belas fontes e monumentos, um teatro suntuoso, hotéis, cassinos, estabelecimentos bancários, palacetes e todos os requintes de uma cidade moderna [18], levando Manáos³ a ser conhecida como “Paris dos Trópicos”.

Além do aspecto físico, o que de mais importante aconteceu, foi a atração, tanto para Belém quanto para Manáos de uma elite de intelectuais, artistas, profissionais liberais e homens de negócio, que em parte se radicou na região, estimulando a vida artística, as atividades intelectuais, a medicina, a advocacia, a engenharia civil, as demarcações de terras, incorporando-se à magistratura ou entrando para o comando da economia da região [19]. Foi desta forma que Bernardo Rodrigues de Almeida, fundador da primeira Instituição Espírita legalizada de Manáos², aportou na capital da província do Amazonas. Do ponto de vista da atividade cultural e intelectual, esse período caracterizou-se pela busca acelerada do novo, do belo e do moderno, fruto da influência de um movimento iniciado na França. Este período foi chamado de *Belle Époque* [20].

Em 1868, Allan Kardec publica a última obra da codificação da Doutrina Espírita, A Gênese, completando, assim, sua missão. E, em 31 de março 1869, retorna à pátria espiritual.

Na capital da Província, em 1873, Bernardo Rodrigues de Almeida participa da fundação da Beneficente Portuguesa, sendo nomeado seu procurador, conforme ata da instituição datada de 31 de outubro de 1873 [21].

Entre 1881 e 1884, fruto da maturidade intelectual e moral da população, surgiram vários movimentos abolicionistas, os principais foram: Amazonenses Libertadores, Comissão Central Abolicionista Amazonense, Clube Escolar Abolicionista, Clube Juvenil Emancipador, Clube Abolicionista Manacupurense e outros. A luta pela emancipação dos escravos também esteve presente nas publicações periódicas amazônicas. Um bom exemplo foi o surgimento de “O Abolicionista do Amazonas”, em 1884, feito por um grupo de mulheres, que pregava o fim da escravidão na província Amazonense. Circulava três vezes por semanas. Em 10 de julho de 1884, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea, no governo de Teodoro Souto, ocorre a libertação dos escravos na província. O acontecimento vinha coroar a tradição abolicionista que tivera, no Amazonas, um dos seus primeiros focos [22].

Em 1884, após trinta e seis anos da ocorrência dos fenômenos de Hydesville, fenômenos espíritas foram registrados em um lugar denominado Freguesia do Moura, interior da Província, fato publicado no Diário de Belém. Neste mesmo ano foi criada a Federação Espírita Brasileira.

Entre 1884 e 1886, registra-se a provável data de fundação da Sociedade de Propaganda Espírita, primeira instituição espírita devidamente legalizada. O fato é creditado a Bernardo Rodrigues de Almeida, que permaneceu em sua direção por quinze anos [21].

Em 1 de março de 1901, a Sociedade de Propaganda Espírita publica o primeiro número do periódico, O Mensageiro. Em seu editorial referia-se à desencarnação de Bernardo Rodrigues de Almeida ocorrida em 21 de fevereiro do mesmo ano. Nesta época, além do periódico publicado quinzenalmente, a instituição desenvolvia as seguintes atividades: reuniões mediúnicas, reuniões doutrinárias, distribuição de alimentos, roupas e remédios. Registra-se também que, em 31 de julho do mesmo ano, inaugurou o Curso Noturno Gratuito [21]. Desse conjunto de iniciativas, constata-se a preocupação dos precursores em equacionar através de obras significativas as necessidades da sociedade da época.

Em 1904, as bases do movimento espírita organizado no Amazonas já haviam sido lançadas, pois Bernardo Rodrigues de Almeida, Leonardo Malcher e outros haviam conseguido aglutinar em torno de si todos os que professavam a Doutrina Espírita. Sendo assim, em 1 de janeiro de 1904, esse processo culminou com a criação da Federação Espírita Amazonense. Nessa época registrava-se a existências de mais de 17 centros espíritas. Desses, somente o Centro Espírita Caridade e Resignação permanece em atividade nos dias atuais [21].

3. Conclusão

Os fatos relatados no período de 1848 a 1904 demonstram a grande preparação ocorrida no Amazonas, mas particularmente em Manaus, para que houvesse condições físicas e intelectuais maduras para o surgimento do conhecimento espírita.

O desenvolvimento urbano, saindo de uma condição de extrema necessidade para uma realidade de “Paris dos Trópicos”. As riquezas naturais abundantes. O apogeu da borracha, propiciando a imigração de grande massa de intelectuais. As relações comerciais com as potências imperialistas, facilitando o intercâmbio cultural. O paralelo com os acontecimentos do surgimento do Espiritismo na Europa, que já possuía uma civilização madura do ponto de vista intelectual e vida urbana. Todos esses fatores demonstram ter havido um planejamento singular para que o Espiritismo se implantasse nas terras amazônicas, diferentemente do restante do país que absorveu o conhecimento espírita por meio da contribuição dos pensadores do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Referências Bibliográficas

- [1] BRAGA, Robério. Série Memória: O Nome de Manaus. Manaus: Biblioteca Virtual do Estado, 2004.
- [2] SANTOS, Francisco. História do Amazonas, 1, Ed. São Paulo: Ática, 2007, p133.
- [3] *Id.*, *Ibid.*, p132.
- [4] *Id.*, *Ibid.*, p152.
- [5] *Id.*, *Ibid.*, p149.
- [6] GARCIA, Etelvina. Manaus Referências da História, 21, ed. Manaus: Norma, 2005, p44.
- [7] SANTOS, Francisco. Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851 – 1950). Manaus: Catálogo de Jornais.

- [8] GARCIA, Etelvina. Manaus Referências da História, 21, ed. Manaus: Norma, 2005, p45.
- [9] WANTUIL, Zêus. THIESEN, Francisco. Allan Kardec. Volume II, 1, ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, p56.
- [10] BARBOSA, Pedro. Espiritismo Básico, Rio de Janeiro: FEB: , p68.
- [11] SANTOS, Francisco. História do Amazonas,1, Ed. São Paulo: Ática, 2007, p156.
- [12] WANTUIL, Zêus. THIESEN, Francisco. Allan Kardec. Volume II, 1, ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, p64.
- [13] *Id., Ibid*,p74.
- [14] BARBOSA, Pedro. Espiritismo Básico, Rio de Janeiro: FEB: , p89.
- [15] *Id., Ibid*.,p53.
- [16] GARCIA, Etelvina. Manaus Notícias da História, Edição Especial. Manaus: Norma, 2008.
- [17] *id.* Manaus Referências da História, 21, ed. Manaus: Norma, 2005, p53.
- [18] FILHO, Raimundo. Estudos de História do Amazonas. Manaus: Valer, 2000.
- [19] SANTOS, Francisco. História do Amazonas,1, Ed. São Paulo: Ática, 2007, p185.
- [20] *Id., Ibid*.,p189.
- [21] MAGALHÃES, Samuel. Anuário Espírita de 2003: Primórdios do Espiritismo no Amazonas.
- [22] SANTOS, Francisco. História do Amazonas,1, Ed. São Paulo: Ática, 2007, p155.